



UMA ANÁLISE DE “SOB O JUNÍPERO”, DE ROSANA RIOS

Jaine de Sousa Barbosa (*Universidade Federal de Campina Grande/ jaine.barbosa_@outlook.com*)

Márcia Tavares Silva (*Universidade Federal de Campina Grande/tavares.ufcg@gmail.com*)

RESUMO: Falar sobre contos de fadas é tratar de um gênero textual que está presente na vida de crianças, jovens e adultos. Muitos de nós já ouvimos sobre princesas, príncipes, madrastas, bruxas e inúmeras outras personagens dessas histórias que, embora tenham surgido por volta do século XVII, ainda fazem parte das nossas vidas. Foi pensando em compreender mais acerca de narrativas como essas que este trabalho surgiu. De cunho interpretativo, a pesquisa tem por objetivo analisar o conto *Sob o junípero*, do livro *Contos de fadas sangrentos* (2013), da autora Rosana Rios, levando em consideração seus aspectos estruturais, como as personagens, o tempo e espaço em que a trama acontece e a influência do narrador na construção do texto. Além de observarmos o que se refere à estrutura do texto, trataremos da principal temática abordada na narrativa: a morte. O morrer está presente nos contos de fadas desde muito; há aqueles em que a morte não é tão enfatizada e outros que trazem o tema como centro do texto, colocando-o como protagonista, nesses, ela é retratada de modo bastante cruel e descrito detalhadamente. É esta morte, sem eufemismos e com traços de canibalismo, que encontraremos no texto. Para tanto, realizamos a leitura dos aportes teóricos acerca da interpretação e análise do texto literário, dos contos de fadas e de como a morte pode aparecer neles.

Palavras-chave: Literatura, contos de fadas, morte.

INTRODUÇÃO

As narrativas de contos de fadas, embora tenham surgido em sua forma escrita nos séculos XVII, ainda fazem parte do cotidiano de muitos até os presentes dias. A referência comum aos contos de fadas é uma memória de estórias para crianças, que com frequência, perdem a mãe ou o pai e sofrem com madrastas que se apropriam da família, ou príncipes que resgatam donzelas de sonos profundos ou sofrimentos diários e se casam com elas para viverem “felizes para sempre”. São narrativas que ainda apresentam animais falantes que conversam com os humanos, os ajudam a resolver conflitos, desvendar mistérios e/ou enfrentar situações delicadas. De maneira geral, são muitos os textos e temas que trazem personagens participantes desse imaginário de crianças, jovens e adultos leitores.

No entanto, sem essas demarcações de personagens e enredos, como reagiríamos aos textos que fugissem desse padrão clássico retomado em várias versões e mídias? Ainda seriam ficções destinadas ao público infantil? Se nos depararmos com uma trama em que seus personagens possuem traços de crueldade, canibalismo e um comportamento extremamente violento, ainda assim a consideraremos ‘conto de fadas’? A resposta para essa



pergunta é sim, são contos de fadas tanto quanto os outros, embora apresentem cenas de morte fortemente descritas, em que a maldade é a mola propulsora para a ação das personagens na obra e não há eufemismos ou metáforas em sua construção.

Algumas são as obras que trazem a temática de modo enfático e como parte central das narrativas, uma delas é *Contos de fadas sangrentos*, de Rosana Rios (2013). A autora escreve livros de literatura infanto-juvenil com histórias que envolvem medo, enigmas e mistérios. Foi através da leitura de *Sob o junípero*, um dos recontos do livro, que decidimos elaborar uma pesquisa que tem por objetivo analisar o texto tanto em seus aspectos estruturais, como as personagens, o tempo e espaço em que acontece e a influência do narrador na construção do texto, quanto nos aspectos interpretativos do tema da obra, principalmente ao que se refere à representação da morte na trama.

Como aportes teóricos para a elaboração do presente trabalho, contamos com o apoio de Bettelheim (2014), com importantes considerações sobre a presença do bem e do mal nas narrativas; de Vilella (2001), que nos faz compreender que os contos de fada são influentes no processo do desenvolvimento humano; de Bosi (1988), que nos auxiliou quanto à compreensão do que é interpretar um texto; de Coelho (1987), com informações sobre o surgimento dos contos de fadas; Lottermann (2009), que no texto *Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira* nos mostrou como a morte pode estar presente em texto destinados à crianças e jovens; de Muniz (2006), sobre o estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais e de Gancho (2002), que nos auxiliou quanto à análise de narrativas.

METODOLOGIA

Este trabalho é de cunho interpretativo e bibliográfico, e a metodologia escolhida para a leitura interpretativa das narrativas foi dividida em etapas. A primeira consistiu na leitura do *corpus* selecionado para nossos estudos e, a partir dele, a escolha do objeto que seria observado dentro das histórias. Para que isso pudesse acontecer, com a absorção da temática escolhida e aprofundamento dos elementos que compõem o texto, como as personagens, o espaço em que a trama acontece, as descrições das cenas de morte, foram necessárias leituras e releituras do texto eleito, uma vez que foi nesse exercício que novas descobertas acerca dele surgiram.

A segunda etapa consistiu em selecionar as obras que podiam atuar como aportes teóricos sobre a temática e o gênero estudados. Ao observamos o *corpus* escolhido, a fim de compreendê-lo para além do que estava exposto no texto, recolhemos algumas informações acerca da morte e suas representações sociais, dos contos de fadas, sua origem e sua participação na construção do



aprendizado da criança.

A terceira e última etapa consistiu na interpretação do conto lido. Para compreendê-lo, fizemos a associação com os aportes teóricos, observando como a teoria dialogou com o objeto em questão. Dentro dessa etapa de interpretação, incluímos as noções de categoria que envolvem as noções de espaço, personagens, linguagem utilizada pelo narrador para a construção do texto e imagens criadas a partir das descrições que os contos trazem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os contos de fadas são, sem dúvidas, as histórias que mais permeiam a vida das crianças e até mesmo de adolescentes e adultos. Incontáveis são as princesas, príncipes, bruxas e reis que fazem parte de tramas com as mais variadas aventuras. Casamentos, fadas, anões e animais falantes recheiam os textos de magia e encanto. Com a ideia de “viverem felizes para sempre”, os contos trazem temáticas e personagens variadas, que vão desde uma linda princesa a uma madrasta má e feiticeira que faz tudo o que pode para destruir a alegria de todos, até planejar a morte de seus enteados.

É comum que os textos apresentem personagens antagônicos, que são opostos e extremos em suas condutas, e é através do comportamento de cada um deles que os leitores ingressam em um mundo fantástico e repleto de encanto e que passa a atuar como um mecanismo de aprendizado e descobertas de si, do outro e do texto, uma vez que, conforme afirma Vilella (2001), os contos não podem ser enxergados somente como divertimento, mas como um transmissor de valores:

Divididos entre o bem e o mal, representados por príncipes, fadas e também por monstros, lobos e bruxas apavorantes, os contos de fadas encantam as crianças e os adultos desde a sua criação, que data da época medieval. Mas a sua função não pára aí, pois além do entretenimento, transmitem ainda valores e costumes e ajudam a elaborar a própria vida através de situações conflitantes e fantásticas (VILELA, 2001, p.1).

Somos levados a pensar que a leitura de contos de fadas serve apenas para entreter os leitores e/ou ouvintes e para criar em suas mentes uma visão fantasiosa sobre o mundo. Sem pensarmos na influência que esses textos exercem sobre as crianças, por vezes, agimos como se as histórias não tivessem significado algum; ao contrário do que nos informa Bruno Bettelhem (2014, p. 20), na obra *A psicanálise nos contos de fadas*, ao nos afirmar que

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece tantos níveis distintos de significado e enriquece a sua existência de tantos modos que nenhum livro pode



fazer justiça à profusão e diversidade das contribuições dadas por esses contos à vida da criança.

Os contos de fadas trazem temáticas extremamente variadas. Há alguns que fogem dos padrões normais por tratarem alguns temas de modo nada convencional. Analisaremos como a temática central da obra é desenvolvida no texto por meio da organização dele. Segundo Gancho (2002, p.9), “toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar. Mas para ser prosa de ficção é necessária a presença do narrador, pois é ele que caracteriza a narrativa”. Observaremos, portanto, como cada uma dessas partes é apresentada no conto e como elas influenciam nas interpretações acerca da temática central do texto.

O modo como a morte é representada na obra nos faz pensar como uma história pode conter personagens tão macabras e cruéis. Bettelheim (2014) afirma que “as histórias ‘seguras’ não mencionam nem a morte nem o envelhecimento – os limites à nossa existência”. Elas trazem, na grande maioria das vezes, tramas em que o bem é sempre acentuado, no entanto há aquelas em que o mal aparece de forma grandiosa e assustadora. Segundo o mesmo autor

Nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas, o bem e o mal são corporificados sob a forma de algumas personagens e de suas ações, uma vez que o bem e o mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem (BETTELHEIM, 2014, p.16).

E é assim que o conto de fadas tem a capacidade de retratar o mundo: as personagens podem apresentar a ferocidade encarnada ou a benevolência altruísta, sempre em seus extremos. Esses dão vazão, comumente, aos instintos animais do homem. Eles, sendo fortemente despertados, dão aos controles racionais a incapacidade de coibir, e as personagens que assim se comportam trazem em si características fortemente marcadas e o mal propriamente dito passa a fazer parte do texto não somente em madrastas e bruxas.

Enquanto os contos de fadas comuns tratam de temas não convencionais de forma superficial, os que apresentam tons sangrentos dão ênfase ao que torna o texto misterioso, assustador, enigmático. A morte é uma das principais temáticas, no entanto há textos em que aparece como “uma mera coadjuvante, nunca a protagonista. É negada ou mascarada, justificada pelo estigma do progresso” (Muniz, 2006), e esse é o diferencial das tramas que não trazem o tema como coadjuvante, mas como centro do texto.

Nas histórias em que a morte recebe um lugar de destaque, ela atinge a existência das



personagens e da própria narrativa, uma vez que para tratar do tema de forma tão acentuada e, por meio disso, tornar o conto assustador, é necessário adequar as personagens ao tipo de texto que será escrito. O que faremos aqui é analisar e interpretar um conto que apresenta tais características. Observaremos como as subpartes dele são apresentadas, a construção das personagens da trama, como o narrador é influente nisso e a relevância da descrição do espaço, que é totalmente necessário à criação de um ambiente misterioso e sombrio.

Sob o junípero conta a história de uma família marcada pela rejeição, pela falta de amor e pela morte. Um homem e sua esposa desejavam ter um filho branco como a neve e de cabelos escuros. A criança nasceu e pouco tempo depois sua mãe veio a falecer. O pai, então, encontra uma nova esposa e essa tem uma filha, que, ao contrário do menino, é amada pela madrasta. Tomada pelo ódio, a mulher sempre rejeita a criança e em um dia de fúria decide assassiná-lo de modo bastante cruel. Ela decepa a criança, põe a culpa em sua filha e, para despistar o marido, esquarteja e cozinha o menino. A irmã mais nova, com tristeza, enterra os ossos do irmão sob o junípero e, de modo mágico, ele renasce como um pássaro. Em sua nova forma, decide sair a procura de presentes para sua família. Traz objetos para o pai e irmã e para a madrasta uma pedra enorme. Ao retornar para casa, entrega os presentes aos que ama e espera a malvada na porta. Ao sair, ele a surpreende com uma pedrada na cabeça, que deixa seus miolos pelo chão. Depois do episódio o encanto acaba, o menino volta à forma humana e a família vive feliz.

Ao realizarmos a leitura do texto, percebemos que toda a narrativa é marcada pelo tempo cronológico. Podemos dividi-lo em duas partes: Momento 1: Dia de inverno, nove luas:

Certo dia de inverno, a dona da casa estava sentada sob os ramos da árvore (...) O tempo passou, e na **lua seguinte** a neve sumiu. Veio **mais uma lua** e tudo se tornou verde. **Na terceira lua** as flores começaram a brotar, e **na outra** as árvores e arbustos floresceram. **Na quinta lua** o junípero estava perfumado, e a mulher se sentiu feliz; ao passar **a sexta lua**, havia frutos na árvore. Quando **a sétima lua** chegou, ela colheu os frutos, mas comeu tantos que passou mal. E, ao chegar **a oitava lua**, teve um mau pressentimento. (...) **Na nona lua** ela deu à luz a um menino (...) (RIOS, 2013, p. 61).

Momento 2 : Dia em que a madrasta decide matar o menino: “**Um dia ela** foi à despensa pegar uma maçã para a filha. As frutas ficavam numa caixa que tinha pesada tampa e um fecho de ferro afiado. Ela viu o garoto se aproximar e teve uma ideia maligna” (RIOS, 2013, p. 61). Todo o



desenrolar da trama acontece em um único dia e à noite, quando a madrasta é assassinada, a família retorna à casa para jantar: “Ambos se alegraram muito por ter o filho e o irmão de volta, deixaram o cadáver da madrasta á fora e entraram em casa de mãos dadas para jantar” (RIOS, 2013, p. 68). Não percebemos a presença do tempo psicológico, uma vez que não há menção no texto de retorno à nenhuma fase passada ou pensamento referente às personagens.

No que se refere aos espaços, a trama acontece em quatro: o jardim da família, onde a esposa é enterrada no início da estória: “No jardim em frente a uma casa havia uma árvore alta e frondosa: um junípero. (...) Mas assim que ela pôs os pés no jardim, o pássaro deixou cair a pedra do moinho sobre sua cabeça (...)” (RIOS, 2013, p. 61/ 68); a casa, onde o assassinato e jantar ocorrem, os ambientes de trabalho que o pássaro visita para conseguir os presentes: “O pássaro voou até a **vila** e pousou próximo à janela (...). Cantou de novo a canção e **voou para outra rua**, pousando em outra casa. Lá um sapateiro estava trabalhando (...). Depois **voou para mais longe** (...) pousou numa árvore próxima a um moinho (...)” (RIOS, 2013, p. 66-67); e a entrada da casa, onde a madrasta é assassinada com uma pedrada na cabeça. Esses três ambientes são indispensáveis para que o enredo se desenvolva, uma vez que em cada um deles que podemos perceber como as personagens se comportam e a partir daí elencarmos características sobre elas, juntamente com o que o narrador constrói acerca das mesmas.

Ao observamos o papel dele no texto, percebemos que a voz narrativa é grande influente no desenrolar da trama, isso porque dadas as falas e ações das personagens do texto, poderemos perceber o que o discurso por ele construído revela sobre elas. Em terceira pessoa, o narrador observador de *Sob o junípero* mostra como os participantes do texto constroem os sentidos da obra. Sobre a madrasta, por exemplo, ele elenca considerações que nos levam a pensar sobre a rejeição que era sentida pelo menino. Vejamos que em “... As duas crianças cresceram juntas. A nova mulher tratava bem apenas a garotinha. Quanto ao menino, maltratava-o e batia nele, sempre imaginando uma forma de livrar-se do enteado” (RIOS, 2013, p.61). O narrador enfatiza o ódio que a mulher sentia pelo garoto e esse sentimento, nesse trecho demonstrado, que resultará no assassinato da criança. Ela procura uma forma para fazê-lo morrer, que aparece metaforicamente representado em “livrar-se do enteado”.

Em se tratando das personagens do texto, observaremos a caracterização das principais. Algumas delas, ainda que essenciais à trama, não apresentam tantas características explícitas, como ocorre com o pai das crianças. Começemos por ele. Homem viúvo, fez o enterro de sua própria esposa sob um junípero e depois disso casou-se com uma mulher que já tinha uma filha. No



decorrer da trama não aparecem muitas informações sobre o pai, no entanto, segundo o que o narrador nos mostra, percebemos que ele, junto com sua família, alimentou-se do próprio filho e gostou do que comia, uma vez que não sabia que ali estavam as carnes e ossos da sua criança. Ao ouvir o canto do pássaro, já próximo ao desfecho do conto, o pai admira-se com o que escuta, mas ainda assim não se dá conta de quem ali estava era o seu filho transformado em ave.

O menino é, desde sempre, rejeitado pela madrasta. Assassinado brutalmente, ao ter seu corpo esquartejado e comido em forma de sopa, tem os ossos enterrados pela irmã em uma árvore (o junípero que dá nome ao conto). Um encanto transforma-o em pássaro e assim ele encontra um modo de vingar-se da malvada: com uma pedra, ele esmaga sua cabeça e em seguida retorna à forma humana:

Não demorou e a árvore começou a se agitar, os galhos movendo-se como se batessem palmas. A menina viu uma névoa surgir dentre os ramos, brilhando como se houvesse fogo ali. De névoa saiu um belo pássaro, cantando sem parar. Tinha penas vermelhas, verdes e douradas; seus olhos brilhavam como estrelas. Ele bateu as asas e voou para longe, mas seu canto ficou no ar e trouxe alegria para o coração da garota, que somente então parou de chorar (RIOS, 2013, p.63).

A irmã do menino é amada pela família, e mais ainda por sua mãe, que a supervaloriza enquanto menospreza o enteado. A criança é enganada pela mulher assim que o menino é assassinado. Acusada injustamente pela morte dele, ela sofre ao ver que “sua” atitude matou o irmão, uma vez que a madrasta, depois de decapitá-lo, prende seu pescoço a um lenço e manda a menina bater em sua face, fazendo com que o pescoço caia e a criança se sinta culpada por tudo. No momento em que a madrasta cozinha o menino, as lágrimas da menina salgam a carne. Enquanto jantavam, ela chorava sem parar e assim que terminaram a refeição, decidiu enterrar os ossos do garoto e sobre eles chorou lágrimas de sangue, que depois foram substituídas pela alegria em ver o pássaro encantado surgir.

As personagens que compõem o grupo de pessoas que ajudam o pássaro são o ourives, o sapateiro e os homens do moinho. Embora secundários, eles são essenciais à trama, uma vez que concedem os presentes ao menino para que ele possa voltar para casa e entregar à família. O ourives o entrega uma corrente de ouro, o sapateiro um lindo par de sapatos vermelhos e os homens do moinho entregam a pedra que mata a madrasta.

A história termina com a morte da mulher e a alegria da família em estar restituída, sem alguém que poderia cometer novos assassinatos. A presença da morte trágica aparece nas duas circunstâncias, embora o falecimento da mulher seja também cruel, percebemos como o morrer é apresentado e representado em forma de vingança no conto.



Há elementos que tornam esse tipo de texto diferente dos demais. O mistério, os enigmas, a descrição minuciosa de espaços sombrios e a morte. A presença da morte no texto pode transformá-lo e, como no conto estudado, ela é marcada pelo medo, pela tortura e por cenas macabras. Ao contrário de muitos, os contos “sangrentos” não metaforizam a morte, eles a trazem de forma direta e cuidadosamente descrita, para que assim o leitor possa adentrar nos textos em que o mal se faz se presente.

Sob o junípero apresenta três mortes diferentes. A primeira delas é quando a mãe biológica do menino morre: “Na nona lua ela deu à luz um menino que tinha a pele clara como a neve e as faces vermelhas como sangue. A mãe sorriu ao ver a bela criança, mas logo em seguida morreu (RIOS, 2013, p.61). A segunda morte é a do menino, no momento em que a madrasta realiza o ato de extrema crueldade, conforme veremos no trecho do texto abaixo colocado:

– Quer uma maçã? – perguntou a ele, com um sorriso cruel. – Pegue na caixa. O menino ficou assustado com o olhar sinistro da madrasta, mas aceitou. Quando ele se inclinou para olhar as maçãs na caixa, a mulher deixou cair a tampa e o fecho de ferro cortou fora a cabeça do garoto. Finalmente livrara-se do enteado (RIOS, 2013, p.64).

A terceira morte é dada no momento em que o enteado, após torna-se pássaro e procurar presentes para a família, decide trazer algo inusitado para a madrasta assassina. A pedra do moinho foi o objeto utilizado pelo pássaro para vingar-se da mulher e de modo bastante assustador e doloroso, ele a lança sobre a cabeça da mesma:

A madrasta estava se sentindo muito mal, pois a música chegava a seus ouvidos transformada em sons remotos, raios e trovões. Agoniada, saiu também da casa. Mas, assim que ela pôs os pés no jardim, o pássaro deixou cair a pedra do moinho sobre sua cabeça, que foi completamente esmagada, só restando pedaços de crânio, miolos e sangue (RIOS, 2013, p.68).

É significativo pensarmos que mesmo que haja um novo assassinato na história, o sentimento de equidade, de justiça e vingança perpassam a narrativa nessa parte do texto. É convencional socialmente que o bem é recompensado e o mal deve ser punido, independente de como isso aconteça. No entanto, embora seja um pássaro, por trás dele está uma criança que, para vingar-se, procura algo que possa matar a esposa de seu pai. Ao encontrar a pedra do moinho, ele a joga sobre a cabeça da mulher e, brutalmente, seus miolos se espalham pela varanda da casa. Em seguida, o encanto se acaba, o menino retorna à sua forma original e a família volta à sala de jantar para vivenciar um momento de descontração por terem se livrado da malvada, e assim a história



termina.

Embora se desenvolva de forma assustadora, o conto traz o leitor de volta à realidade segura e inicial do texto. Mesmo com tantas tragédias, violência e crueldade, há um final feliz para o texto. Todos voltam à rotina calma e tranquila, o malfeitor é punido, o benfeitor recompensado e a família, que vivenciou perda, dores e momentos de aflição, retorna ao seu estado de calma inicial. E é isso que torna esse tipo de texto atrativo ao leitor; o fato de possibilitar aventuras, descobertas, resolução de mistérios e conflitos sem perder a fantasia e a possibilidade de poder “vivenciar” a estória..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do trabalho que foi aqui exposto, pudemos observar que, embora tenham sido escritos há séculos, os contos de fadas ainda fazem parte do imaginário de jovens e adultos e podem ser utilizados não só para entreter crianças, mas também contribuir para o aprendizado delas, uma vez que muitos dos textos são influentes na formação do pensamento do leitor, porque ajudam a lidar com conflitos, situações delicadas e as levam a pensar sobre a vida e seus estágios de modo bastante lúdico, além de abrir portas para o mundo da fantasia e do ilogismo.

O conto aqui analisado não é comumente apresentado às crianças, já que a trama possui descrições de cenas de morte extremamente cruéis, no entanto não é impossível que o público diversificado possa adentrar em uma história repleta de mistérios e compreender sobre ela. Tratar da morte sem eufemismos ou metáforas não é tão recorrente quanto observá-la com todos os tabus sociais existentes. Os contos com tais características vêm para romper com a ideia de que o morrer não deve ser mencionado e nos mostra textos que trazem descrições tão acentuadas.

Pudemos apreender também que a morte e mal estão presentes nas narrativas infantis tanto quanto o bem e que nos contos de fadas há sempre o extremo no comportamento das personagens. Ou elas incorporam a maldade extravagante ou a bondade altruísta de modo bastante intenso e isso é percebido em cada parte do texto, disso vem a importância de analisar cuidadosamente as categorias que tornam a obra completa. Os espaços em que a trama acontece, a caracterização das personagens, o papel do narrador na construção do texto e a influência do tempo para o desenrolar da história.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise nos contos de Fadas**. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo : Editora Ática, 1987.

GANCHO. Candida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo : Editora Ática, 2002.

LOTTERMANN, Clarice. **Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira**. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt07_artigo_5.pdf>. Acesso em 15 out. 2015.

MUNIZ, Paulo Henrique. **O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais**. Revista Varia Scientia v. 06, n. 12, p. 159-169, 2006. Disponível em <<file:///C:/Users/GRA%C3%87A/Downloads/1520-5314-1-PB.pdf>>. Acesso em 15 out. 2015.

RIOS, Rosana. **Contos sangrentos**. São Paulo : Farol Literário, 2013.

VILLELA, Joana Raquel Paraguassú Junqueira. **Os Contos Infantis no processo do Desenvolvimento Humano**. Cadernos do CNLF, Série V, n^o12. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em <<http://www.antroposofy.com.br/forum/download/artigos/Os%20Contos%20Infantis%20no%20processo%20do%20Desenvolvimento%20Humano.pdf>>. Acesso em 15 out. 2015.